

Contramestre usa capoeira para ajudar o Calabar

Malvina faz do esporte uma ferramenta para dar um futuro melhor para as crianças do bairro

Viviane Rezende

“**E**u quero ver um dia nascer sorrindo/ e toda a gente sorrir com o dia/ com alegria do sol do mar/ criança brincando, mulher a cantar”.

Os versos de Chico Buarque na canção *Marcha para um dia de sol*, escrita em plena ditadura militar, revelam um sonho de liberdade, mas parecem ser feitos sob encomenda para falar da vida do contramestre Adilson São José Oliveira. Conhecido pelos capoeiristas como Malvina, apelido ganho nas rodas de capoeira, o contramestre faz do esporte a arma para a busca da liberdade e igualdade social e ajuda crianças do bairro a conquistar melhores chances para o futuro.

Aos 40 anos, Malvina se espelha no mestre Bimba, fundador da primeira academia de capoeira do Brasil. Em Salvador, Malvina ensina meninos e me-

ninas carentes do Calabar, área humilde próxima a Ondina, a arte trazida pelos ancestrais africanos.

Em meio à violência e pobreza que fazem dos moradores desse bairro reféns do preconceito e discriminação, Malvina tenta, através do esporte, ressaltar a decência, a dignidade e o valor que eles têm. A capoeira foi desenvolvida pelos escravos do Brasil como forma de resistir aos opressores, transmitir a cultura e melhorar o moral. Fábio Matias, 20 anos, pratica a capoeira há nove anos e se diz comovido. “Numa roda de capoeira, o pobre vira nobre. Por isso, a capoeira é a minha vida. Não saberia viver sem ela”.

No rastro desse exemplo, outras crianças. Apesar dos tempos terem mudado, os interesses continuam os mesmos. Os pequenos capoeiristas do Calabar (garotos de 7 a 14 anos) encararam o esporte como uma forma de ressaltar seus valores.



Foto de Roberto Viana

O trabalho realizado pelo contramestre Malvina ajuda toda comunidade do Calabar

Dificuldades não abatem o mestre

As dificuldades são inúmeras para a manutenção do seu trabalho social no Calabar, mas Malvina não desiste da utopia. “Os pais das crianças não apóiam, nem demonstram nenhum interesse que os filhos continuem praticando o esporte. Além disso, não temos patrocínio. Recentemente houve um batizado – mudança de cordão – em que pedimos ajuda a uma entidade para que fosse possível realizar o evento, que é de fundamental importância para os capoeiristas. Só depois de muita insistência foram fomicidas cem camisas para que as crianças pudessem participar, mas nenhum patrocínio foi garantido”, lamenta.

O trabalho de Malvina e do mestre César, pioneiro da capoeira no Calabar, é totalmente voluntário. César trabalha como porteiro para sobreviver, porque o esporte não lhe garante nenhum sustento. Malvina ainda mora com os pais. “A nossa gratificação é a felicidade das nossas crianças”, diz, emocionado.

A Associação de Capoeira do Calabar (Asoca), fundada em 1982, ajuda como pode, cobrando a presença dos capoeiristas e zelando pela sua segurança durante os treinos na Escola Aberta do Calabar, que são realizados de segunda-feira a sábado, em diversos horários, nos quais são beneficiados mais de 300 atletas das mais diversas categorias, da infantil ao adulto.

“A capoeira colaborou diretamente com a minha formação. Minha mãe sempre me apoiou, diferentemente da maioria dos pais das crianças do bairro, que deveriam fazer o mesmo, pois a capoeira mantém a mente ocupada e, em vez de estarmos fa-

zendo besteira, simplesmente praticamos um esporte, que nos ajuda a ver a vida de modo diferente”, diz, confiante, a jovem estudante Kécia Ferreira Alves, 18 anos, praticante da capoeira desde os 7.

Malvina sente orgulho dos alunos e do mestre César. Ele diz com os olhos brilhantes: “O ator Lázaro Ramos já jogou capoeira no Calabar e, como ele, existem várias crianças cheias de qualidades, que têm tudo para dar certo. A capoeira é muito além de um simples esporte para os jovens do bairro. É, sem dúvida, uma forma de educar. Sempre cobro os boletins escolares dos meus alunos. Converso muito com eles, procuro orientar e preencher lacunas abertas na educação doméstica de cada um, exercendo uma disciplina rígida e dando apoio quando há qualquer problema familiar”.

Lázaro Ramos, que fez sucesso na novela *Cobras & Lagartos*, da TV Globo, como Foguinho, diz que tem amigos no bairro, mas nega que jogou capoeira no Calabar, apesar de vários moradores falarem o contrário.

Os alunos de Malvina reconhecem o seu valor. “Meu sonho é ver meu contramestre formando sua própria associação. Eu o admiro muito” diz, sonhante, o jovem capoeirista Fábio Matias.

“Apesar de termos participado de poucas competições, devido às dificuldades econômicas, tenho vários destaques no grupo. O que falta é política pública para o esporte no Brasil, principalmente na Bahia, e particularmente nos guetos. A capoeira representa as nossas origens e deve ser mais valorizada. Nossas crianças precisam disso”, diz Malvina.



Malvina transmite para meninos e meninas do Calabar toda sua experiência

O objetivo do trabalho é tentar, através do esporte, recuperar a dignidade para os jovens do bairro

